

PROBLEMAS EM REDE

Polícia: conserto malfeito ou obra são principais hipóteses

Delegada quer saber se terraplenagem feita por fabricante de bebidas tinha licença ambiental

EMANUEL ALENCAR
emanuel.alencar@oglobo.com.br

A delegada assistente da 35ª DP (Campo Grande), Tatiane Damaris, disse ontem à tarde que a Polícia Civil trabalha com duas hipóteses para explicar o rompimento da adutora no Mendanha, em Campo Grande: um acidente causado por uma obra de terraplenagem feita por uma indústria de bebidas vizinha à tubulação ou um reparo malfeito na rede, de responsabilidade da própria Cedae. Tatiane afirmou que já foram ouvidos moradores da região do acidente e que ainda aguarda relatórios da Cedae e da empresa Guaracamp — fabricante de guaraná natural — sobre a situação da adutora.

— Fizemos duas perícias no local. Ou houve um reparo anterior (da adutora), feito pela própria Cedae, ou o rompimento foi decorrente de obra de terraplenagem, realizada pela Guaracamp. Já estamos ouvindo moradores, vamos ouvir a empresa e pessoas da Cedae para esclarecer o assunto. Muita gente relata que havia uma obra sem qualquer sinalização. Se isso de fato ocorreu, tinha que ter licença ambiental. E a Cedae devia informar que ali

passava uma importante tubulação de distribuição de água — explicou a delegada.

Pela manhã, o morador Jair Ferreira da Silva, de 60 anos, afirmou que há cerca de dois meses a Cedae havia feito um remendo no local em que a adutora estourou.

— Depois que foi feito um conserto provisório, há cerca de dois meses, começou a jorrar um filete d'água. Era uma tragédia anunciada — disse.

Em nota, a Cedae negou que tenha feito qualquer conserto na região. A companhia afirmou que nunca houve remendo ou reparo na adutora em questão, porque a tubulação jamais apresentou problema, ao contrário do afirmado pelo morador. A Cedae informou ainda que não havia recebido chamado sequer para reparos em tubulações "finas", ou de menor porte, como os ramais domiciliares. Disse também que tubulações como essas são monitoradas constantemente através do Centro de Controle de Operações da companhia. "Caso algum rompimento tivesse ocorrido anteriormente, não seria possível o problema ter passado despercebido", informou a nota. O GLOBO ligou para a Guaracamp, que não atendeu aos chamados. ●



Rio. Bombeiros usam botes para salvar vítimas do rompimento da adutora da Cedae no Mendanha, em Campo Grande

Cronologia

Histórico de problemas

ABRIL DE 2011: O rompimento de uma tubulação da Cedae em Tomás Coelho afetou moradores de 16 casas, invadidas por água e lama. Vazaram cerca de 900 mil litros d'água, cujo nível chegou a um metro.

JUNHO DE 2010: A Linha Amarela enfrentou um enorme engarrafamento devido ao rompimento de uma adutora da Cedae. Três das quatro pistas sentido Centro, na altura de Del Castilho, foram interditadas para a retirada de água e lama. Em fevereiro já ocorrera outro vazamento, na mesma altura.

SETEMBRO DE 2008: Mais de 1,5 milhão de moradores de Niterói, São Gonçalo, Itaboraí e Ilha de Paqueta ficaram três dias sem água devido ao rompimento de duas adutoras na Estação de Tratamento de Água de Laranjal.

AGOSTO DE 2007: Moradores do Parque São Francisco de Paula, em Nova Iguaçu, viram um verdadeiro rio invadir suas casas, derrubando três muros e destruindo móveis. O "rio" foi causado pelo rompimento de uma tubulação da Cedae.

DEZEMBRO DE 2006: Cinco casas ficaram parcialmente destruídas, e outras 20 foram invadidas por água e lama na na Favela do Muquição, em Deodoro, devido ao rompimento de uma tubulação da Cedae.

FEVEREIRO DE 2004: Em Irajá, oito casas foram parcialmente destruídas após o rompimento de uma tubulação da adutora de Acari. Mais sete casas foram demolidas depois porque, segundo a Cedae, foram construídas sobre a adutora.

MARÇO DE 2003: Duas casas desabaram e 17 bairros ficaram sem água devido ao rompimento de uma adutora da Cedae em Irajá. Outras quatro casas foram interditadas, e 20 pessoas ficaram desabrigadas.

FEVEREIRO DE 1999: O rompimento de uma adutora da Cedae deixou 170 mil pessoas, em oito bairros, sem água.

SETEMBRO DE 1996: A Linha Vermelha ficou coberta pela água após o rompimento de uma tubulação da Cedae. Sete das oito faixas da via foram interditadas, e o engarrafamento chegou a 12 quilômetros.

Especialista diz que casas sobre adutoras são ameaça

Em Irajá, imóveis foram erguidos no mesmo terreno usado pela Cedae

LUÍZ ERNESTO MAGALHÃES
luiz.magalhaes@oglobo.com.br

O diretor do Clube de Engenharia, Luiz Carneiro, alertou ontem para o fato de que construções irregulares nas proximidades de adutoras colocam em risco a vida dos moradores. No Rio, Carneiro conhece pelo menos um caso que considera emblemático: segundo ele, dezenas de casas foram construídas sobre o mínimo cinco adutoras na Avenida Martin Luther King Jr, entre a Rua Monsenhor Félix e a Estrada Coronel Vieira, em Irajá, nos anos 80.

— É um trecho de quase 300 metros de construções irregulares. As ocupações ocorreram após as obras para a implantação da Linha 2 do metrô, que exigiram o remanejamento das adutoras, sobre as quais casas foram erguidas — disse Carneiro.

Sobre o acidente em Campo Grande, o engenheiro não soube dizer se as casas do Conjunto Habitacional Votorantim que foram atingidas estão ou não em situação irregular. A Secretaria municipal de Urbanismo foi procurada, mas não informou se as construções são regulares.

Carneiro, no entanto, acredita que o desgaste da tubulação pode ter contribuído para o problema, porque as instalações são da década de 60, quando nem sequer era exigido licenciamento ambiental de obras do porte de adutoras.

— Dificilmente essas adutoras tiveram uma manutenção adequada ao longo dessas décadas, porque isso implicaria cortar o fornecimento de água para uma grande parte da cidade por pelo menos cinco dias — estimou Carneiro.

A Cedae informou que move várias ações para tentar remover construções irregulares feitas em suas instalações, um problema que não se limita às áreas mais carentes. Uma das ações tenta retirar casas de um reservatório no Morro da Viúva, no Flamengo. ●